

Saber cuidar, saber contar: ensaios de antropologia e saúde popular. Soraya Fleischer, Carmen Susana Tornquist e Bartolomeu Figueiroa de Medeiros (orgs.)

Florianópolis: Ed. da UDESC, 2009. 280 p.

Natalia Silveira

Mestranda em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Trata-se de uma coletânea que se propõe a agrupar contextos pouco visíveis no cenário oficial do cuidado com a saúde no Brasil. Realidades que vão de encontro ao ideário moderno, cuja separação de esferas da vida se dá de forma plena e pouco conflituosa, são o núcleo das análises aqui presentes. Consta da obra um conjunto de 10 artigos, selecionados a partir de dois grupos de trabalho da 26ª Reunião de Antropologia Brasileira – ocorrida em Porto Seguro-BA, em 2008 –, além de uma introdução de autoria dos organizadores e, como capítulo final, de um relatório etnográfico de autoria de Claudia Fonseca.

Logo na introdução, os autores explicitam a história do livro, suas perspectivas teóricas e suas impressões acerca de idéias e conceitos básicos norteadores. Não se eximindo do lugar privilegiado de análise em que se encontram, não se esquecem de mencionar o importante legado da Antropologia da Saúde no que concerne à relativização dos tradicionais enfoques da ciência (demasiado biocêntrico e hospitalocêntrico) ao tratar do vasto tema da saúde. A saúde popular é, então, o enfoque da obra, isto é, o cuidado com a saúde que não representa o discurso oficial, mas nem por isso o nega ou o exclui.

Constitui, portanto, um repertório de ações dentro dos itinerários terapêuticos, individuais e coletivos que fazem sentido a determinada comunidade, e uma alternativa escolhida como complemento e não a única alternativa diante da falta de outras, como geralmente se supõe. A busca, utilização e o aproveitamento dos serviços oficiais nesse panorama se dão, por fim, estrategicamente, sempre experienciado de maneira ativa por aqueles cuja relação com a saúde se considera.

Os verbos *falar* e *fazer* orientam a obra, não só por meio dos contextos etnográficos nela descritos, mas também pela opção teórica dos autores e dos organizadores, por privilegiarem não mais as representações, mas sim as práticas como componentes constitutivos dos cenários culturais, das narrativas elaboradas a partir da experiência que neles vivenciam e da ação de se transmitir a outros. É a partir do *falar* de uma história que os indivíduos rememoram um *fazer* (de outrora e de hoje) que os remete, inevitavelmente, a certas emoções antigas e presentes. Tais narrativas se tornam perenes no tempo a partir do vislumbre de um narrador qualificado, capaz de entender o sentido do que lhe está sendo transmitido, para, por fim, repassá-lo

adiante. Assim como a própria narrativa, o ato de narrar também não é desinteressado, e por ora recai em algumas tentações que os organizadores enumeram como um dos grandes desafios a serem transpostos na própria escrita etnográfica, quais sejam, a romantização dos indivíduos e grupos, a suposição de coerência e homogeneidade interna, e a exposição do contexto em que se inserem como próprios do atraso e da inércia. A proposta da obra é, justamente, a inversa: demonstrar como cada situação foi percebida por cada pesquisador, sem que a incoerência própria da vida lhe seja subtraída e higienizada por meio de um texto idealizado. As mudanças estão presentes, mas as resistências ao projeto modernizador também, e mais do que indicadores da falta de desenvolvimento podem ser consideradas como outras propostas de mudanças a essa nova lógica que lhes é imposta de cima. O próprio título remete a uma relação mais horizontal, em que quem sabe passa adiante e, assim, as relações de compadrio, vizinhança e parentesco constroem saberes legítimos.

O primeiro capítulo, de Carmen Suzana Tornquist e Tereza Mara Franzoni, relata a experiência de pesquisa junto a uma comunidade tradicional da cidade de Florianópolis. O segundo capítulo, de Soraya Simões Silveira, tem como base argumentativa as emoções como “aventura coletiva”, seu lócus de pesquisa é um condomínio residencial do Rio de Janeiro. A contribuição de Soraya Fleischer, no capítulo 3, se dá a partir de seu trabalho de campo realizado entre parteiras da cidade de Melgaço, interior do estado do

Pará, entre os anos de 2004 e 2005. No capítulo seguinte, de Marina Pereira Novo, os Agentes Indígenas de Saúde (AISs) e o trabalho desenvolvido por eles com povos indígenas do Alto Xingu são vislumbrados no período que compreende os anos de 2005 e 2006. Em seguida, Raymundo Heraldo Mauês, abarca três possibilidades de arranjos de “curas espirituais”, a partir da biomedicina, da Renovação Carismática Católica, e da Pajelança Cabocla Amazônica. A contribuição de Antonio Evaldo Almeida de Barros, no capítulo 6, se dá a partir de uma análise histórica da Pajelança no estado do Maranhão. Seus dados são oriundos das notícias que circularam nos jornais maranhenses entre os anos de 1930 e 1950. O capítulo seguinte, de Antonio Mendes da Costa Braga, explora as romarias de Juazeiro do Norte-CE, e a relação que os devotos possuem tanto com o seu padroeiro como com a sua experiência enquanto enfermo. As práticas e rituais do budismo chinês em Pernambuco são o mote do capítulo de Marcos de Araujo Silva e Bartolomeu Figueirôa de Medeiros, cujo campo de pesquisa se deu em Olinda, em torno de 2007 e 2008, acompanhando as atividades de um templo budista. Em seguida, Waleska de Araujo Aurelino expõe suas reflexões sobre a performance presente nas práticas de cura de um centro vinculado ao espiritismo de atendimento a pacientes com câncer, na cidade de Florianópolis.

Por fim, há o relatório etnográfico de Claudia Fonseca em sua experiência como pesquisadora em uma maternidade francesa. Um texto datado de cerca de 20 anos atrás, cujas peculiaridades contextuais e também

metodológicas e teóricas são explicitadas no prólogo escrito pela autora. Fonseca fora convidada a dar prosseguimento a um relatório, iniciado por outra antropóloga e por um psicólogo acerca da maternidade em questão, e a partir destes dois outros textos encontra divergências significativas que servem também para pensar os diferentes enfoques a partir dos diferentes lugares que se mostram possíveis, tanto por parte dos pesquisadores como por parte dos funcionários e pacientes.

Todos os textos, aqui reunidos, são escritos conscientes tanto de seu papel e importância como de suas limitações. Limitações essas que não são percebidas necessariamente como empecilhos para análise, mas se mostram como uma possibilidade adjacente a essa, como expresso pelas autoras do primeiro capítulo. Antes de trazerem uma verdade absoluta impregnada de pontos demasiado modernos, ou estereotipada em uma tradição inerte, as realidades locais, sejam elas institucionais ou não, são expostas frente às incoerências de seu tempo, que exige não só que se fale, se transmita, mas que se faça, se perpetue. Nos variados contextos expostos, a prática há de ser contínua, não se pode dar tempo ao tempo, com riscos de se perder o prestígio e a própria legitimidade na realização daquela atividade profissional ou costumeira.

A ênfase no falar e no fazer acaba tornando-se boa, também, para pensar.

Resenha apresentada em 08/02/2011

Aprovada em 13/03/2011